Inventário de Sonhos

Moacir Couto de Andrade

INVENTÁRIO DE SONHOS

MOACIR ANDRADE

INVENTÁRIO DE SONHOS

INVENTÁRIO DE SONHOS

Tranquilamente imerso em meu sentido
Revolvo e me transponho em mar revolto
Ao estuante odor dessa procela
Constelada de glória e mansidão

Este oceano de imagens maldormidas
Sangra amargura e me fascina
Amedrontando o inventário do meu sonho
Imaginando mil propósitos fatais.

Confronta-me no entanto o meu sossego
Essa angústia de estar e nunca estando
Vaticanicamente na vivência

De dolorosas estátuas magoadas
Se espreguiçando m manhã sublime
De mil e uma hortências perfumadas.

16 de setembro de 1984
Moacir Andrade

ADUNCA IMAGEM

Transgrido e sofro esse sigilo amorfo,
Esse noturnal fúlgido artelho –
Esplêndida visão de um ser extinto
Proscrita história dalma adoentada.

Palanquins de plumas me destilam
Fulgurantemente triunfantes
Como ressurretas cordilheiras
Obumbrando a sensual – lasciva dança.

Frementes sensuais lascivamente
Entortam a minha face como um relho
Desnudando o sobrolho dessa imagem.

Adunca imagem de lembrança esparsa,
Pesando nos meus olhos como potes,
Pausadamente se esconde nos meus olhos.

3 de fevereiro de 1987

SOMBRIA PAZ

Silenciosamente eu me redimo
Dessa inaugural face de espanto,
Dessa esplendidez me transportando
Exaltação – soluço de quebranto.

Esplendorosa imagem – inesquecível
Alvoroça-se, enclausuradamente,
Na esplendidez do meu encanto,
Escusa latitude de magia.

No suprimento de uma imagem rara
Que paira sobre o teto do meu sonho:
Fuga e culto de um breve estalo.

Sombria paz de um ser amargurado
Arrastando-se, mudo, no vazio
Infinito fluido de um sopro.

FASCÍNIO

Nesse mar de sargaços eu me afundo
Em abissal mergulho de lampejo
Sordidamente assim me afundando
Na solerte visão desse tormento.

Acode-me entretanto o meu segredo
Esse olhar distante vislumbrando
O eternal encanto do infinito
Envolvendo meu ser como magia.

São pupilas de luz iluminando
A reticência de ser inanimado
Delírio que corrói e me redime.

Transfaço esse grito com loucura
E teço o universo do meu canto
Vislumbrando o fascínio de um instante.

13 de maio de 1974

FIBRAS LUCILANTES

E teço as madrugadas como rendas
E consagro essas notas esculpidas
Na manjedoura desse mar faminto
Que engole meu tédio esfomeado.

Expurgo o meu semblante desse espelho
E o faço explodir em mil pedaços
Vibrando as minhas fibras lucilantes
Na tensa obsessão do meu delírio.

São cartilagens de sal se desfazendo
Espécimes de fraca penedia
Dilacerando a fera enlouquecida.

Ressurretas paixões fendem minhalma
Enturgecendo os palanquins do triunfo
Enquanto o mar brame no abismo.

14/7/1977

POLICROMIA

Sobrepairando angélicas paisagens
voa esplendorosa
sob um azul de plena primavera
uma canção plangente, sobranceira.

É o urutau arauto da alvorada
Pássaro de luz benevolente
Melodioso menestrel do amor.
Policrômico ser que o céu abraça.

Eu te bendigo pássaro bendito
Ave de Deus de paz abençoada
Cósmica visão rasgando os céus.

Argêntea difusão de mil estrelas
Que te saúdam ave anunciada
Fantasia e orquestra divinal.

4 de setembro de 1979

SOBREPAIRANDO

Aclaram-me os astros dessa lide
Caravanas de luz banhando a terra
Incendeiam o espaço e cantam loas
Na amplitude astral dessa espiral.

Rebrilhando bênçãos revestidas
De louro cintilar de oblações
Que revestem o espaço rebrilhando
Aromais de álgidos pomares.

Assombrando o espaço sideral
Com um milhão de estrelas reluzentes
Falenas donairosas de acalanto.

Eu galgo o peitoril desses espaços,
Lascivamente – mente conturbada –,
Sobrepairando o azul do pensamento.

4 de março de 1989

ESTERTORES

Nos estertores dessa vã estrofe
Muralhas de cimento me cerceiam
E torcem as minhas fibras congeladas
Num estrangulamento enigmático.

Vésper instante de um dia inteiro,
Vesúvios de oferendas chamuscadas,
Sagrada comunhão de fantasia
Que invade minhalma como um poço.

Nesse ístmo absurdo de procelas
Vagam seres famintos de ternura
Debruçados em velhas cicatrizes

Que vertem lágrimas de fel petrificadas
Concílio vivo de triplas navalhas
Permutando espasmos purulentos.

16 de fevereiro de 1969

MERGULHO

Traumatizadamente recomponho
A astúria dessa messe entumescida
Essa passagem que me tolhe a mente
E obstaculiza os meus sentidos.

Rosnam os cães que mordem a minha pele
Desordenadamente aplainam a alma
Desabrochando flores e luzimento
Nesta exaurida paz que já não tenho.

Célere, o acaso esconde o grito,
Na infinidade do espaço sideral,
Barco de eternal policromia.

Incêndio e garimpo de astros vivos
Depoimento mudo de um só dia
Que mergulha em silêncio no horizonte.

07/04/1975

NÁUFRAGOS DE AMOR

Na transitoriedade do meu gesto
Espíritos se afiguram intermitentes
E colhem flores num jardim de estrelas
Onde se homiziam os anjos negros.

Os mesmos anjos que sopraram o sono
Na contemplação desconcentrada
De náufrago de amor e de ternura
Vértice de angústia concentrada.

Dsse fruto de pouca substância
Flui aroma de integral anseio
Ponte ancestral de vento e calmaria.

Na urdidura desta fome espreita
A incômoda doação do sentimento
Que invento integral nessa jornada.

12 DE ABRIL DE 1972

AMARGURA

Tangencio equívocos amargos
Destilando fel nas minhas veias
Rutilando amargura incontida
Nas paredes que espiam o meu espanto.

Chove a dura profusão de gestos
Semblante ultrapassado de incertezas
Que fatalmente se inserem nesse abismo
Contemplando a ausência entorpecida.

Esse silêncio pesa-me nos olhos
Pendurados no vácuo de mim mesmo
Que chora a vertigem irreversível.

Do impossível tropeço que me impele
Nessa noite funda impermeável
E que decepa os meus sonhos como cinzas.

04/12/1973

VENTOS ANCESTRAIS

Sonambulescamente eu me encontro
Nesta sonda de estertores decepados
Que escorrem em minhas veias como espinhos
Pendurados em funda lassidão.

São náufragos de eventos suicidas
Preconceituosamente tatuadas
Na pele dessas horas transcendentes,
Memória surda de aurora e sol.

Nessa disponibilidade de ternura
Os vidros se estilhaçam arruinados
Recompondo estilhaços mortos.

De ventos ancestrais que me atormentam
Poliedro de mil facetas retas
Triunfando em ventos siderais.

27 DE MAIO DE 1969

SER DEMENTE

Me reinvento como um ser demente
De risos tortos gestos indecentes
Tartamudeando incestos claustros
Turíbulo de anseios turbulentos.

Governando um corpo que se arrasta
Na substância integral dessa procela
De ventos naufragados nesse vácuo
Em que sucumbo fora de combate.

Fartamente surjo como um visgo
Tatuando na pele desse encosto
A inconsequência desta sorte ingrata.

Que amarga meu gesto suicida,
Fruto insólito de passados ventos,
Despojos de um amor desesperado.

23 DE ABRIL DE 1973

SEMBLANTE

Nesse semblante de mármore contemplo
A surda emanação desse silêncio
Essa atrofia de lágrimas e abismos
Que se fundem em meus nervos doentios.

Grasnam os corvos sobre o monte calvo,
Duendes e fantasmas rondam os gestos,
E o peso de saber-te pendurada
Nesse gargalo de medo e previsão.

Recluso estou inteiro no poema
Que sorvo em goles de um gigante aflito
No desabamento desse atrito.

Catástrofe de gesto impensado
Ardendo em brasa o sonho articulado
Esperança e amor inaugurado.

16 DE SETEMBRO DE 1969

ESPLENDOR ENGANO

Tergiversando o encaixe desse amorfo
Córrego de lâminas mordentes
Assaltam uivos de dragões famintos
Violando rochedos terminais.

Os estertores dessas horas vagam
Na paz nupcial dessa ambrosia
Fantasia de esplendoroso engano
De trovões de luz disseminados.

Rompem mil grilhões antecipados
Retorcendo a malvada serpente
Que se enrosca em meu soturno encanto.

São delírios de astros prateados
Sombrias queixas de lírios dormentes
Fugindo à luz do sol desse tormento.

04/04/1970

GRAVITAÇÃO

Gravita solitária em mar bravio
A cósmica visão do ex-comungado
Ventre de neurônios indecifrados
Sacrílegos infantes masturbados.

Vivendo a angústia surda dessa fuga
Antípoda premissa dessa segue
Se enroscando na oferenda amarga
Os musgos mortos grudados como atóis

Se estrebucham frios sobre a pele
No muro negro de cimento e ferro
Que se alonga no silêncio da estrada.

Entesouradas nessa nave roxa
Concílios de meus pés se alvoroçam
Na fosforescente aurora que se apressa.

16 DE MARÇO DE 1979

MISERICÓRDIA

Sob o vulcão da tua palavra aqueço-me
E faço do silêncio o alimento;
A tua voz caliente luz e santa
Enchendo-me de paz e de perdão.

Não sei rezar mas sei dizer apenas
Na pobreza infinita do meu ser,
Que és oh, Deus! a vida que desfruto
Esse fardo e poeira que sou eu.

Insone vivo a vida que mes deste
Como uma vela de alvorada acesa
No altar do teu perdão e amor.

E na constelação desse martírio
Misericórdia eu peço do grande Deus,
As cinzas do que sou e sempre fui.

27 DE MAIO DE 1973

CÓSMICA VISÃO

Na infância desse dia fogueado
As fímbrias da vida dançam no arvoredo
Lançando perfumes e odores
No etéreo azul que está nascendo.

E a orquestração da natureza
O sol, a brisa, a água, a correnteza
Fluem do sopro mágico da terra
Como a bênção de Deus glorificando.

Alvoroçando a vida renovando
O assombro vital rumo ao ocaso
Rendas de cristais mimetizando

A paisagem de cósmica visão
Manjedoura de luz multiplicando
O vestuto encantamento da manhã.

3 de setembro de 1978

CONFISSÃO

Arcangelicante eu me confesso
Sob a vertigem do céu que me acoberta,
E me cinge de pureza e solidão
Ante tantos pecados cometidos.

Conforta-me no entanto estar contigo
Oh energia divina – angelical
Enchendo-me de luz do teu bafejo
Polimorfia de amor perdão da alma.

Oh! Catedral de gôndolas astrais
Encanto infinito de perdão
Abissal poder e onipresença.

Estalagem de amor e de perdão
Estou convosco mesmo em pecado
Oh infinita e poderosa mansidão.

30 DE SETEMBRO DE 1970

GIRÂNDOLAS DE LUZ

Girândolas de luz rondam o espaço
Infinito espaço onde me abrigo
Onde encontro a paz e onde expurgo
As incertezas de um ontem amargo.

Que venha a mim toda essa energia
Todo o poder divino de aleluia.
Toda a ternura que existe nesse espaço
Onde nasci e jamais sairei.

São rituais satânicos amorfos,
Sementes de um anjo soterrado
Calvários infinitos – sem perdão.

Ausência do bem – abrigo do mal
Vestais de um reino de sombras perfiladas
Longínquas nuvens e vozes transitórias.

16 DE SETEMBRO DE 1964

AMAZÔNIA

De mil tonalidades verdejantes,
De caudalosos rios que se fundem,
De mil vidas amenas pululando
Mergulhada nas brumas das lagunas.

Vive a Amazônia gigantesca,
Selvagem orquestração de seres vivos
Que se mesclam no azul desse infinito
Contornos liriais entrelaçados.

Nas suas tardes de sol suavisadas
Teus brilhos se desfazem como sopros
Evocando lembranças de outras eras.

Nessa síndrome de amor e confidência
Brilham labaredas de ternura
Trajetória de sonho e de amplidão.

5 DE FEVEREIRO DE 1972

CONCÍLIO

A transubstanciação se amolda
Nesta estesia de catórios frios
Nesta oblação de acácia semimorta
Fotossíntese de cumes renegados.

Falcões feridos rondam a minha prece
Na síntese de um gólgota sombrio
Farpas de fel ferindo a minha sombra
De antípodas paisagens mutiladas.

Nessa clausura de gaivotas brancas
Renasce a redenção de extinta busca
Rondando os meus segredos como um corvo.

Tarântures de aço me ferindo
Com o seu pólen de letal veneno
Concílio de miasmas sobre o mundo.

16 DE AGOSTO DE 1980

IDÍLIOS

Essas neblinas frias me sufocam,
Me enchem de torpor e agonia
Morte em vida – dor que me atrofia –,
Me põe longe de tudo e de mim mesmo.

Esse mistério branco que me assalta
Me cobre de invernos nevoentos
Cirandas vespertinas adejantes,
Rodopiando caravanas rubras.

Ansiosamente me encontro
Prosternado que estou nessa placenta
Lasciva e desvairada flor de mel.

Sobrepairando um sol intensamente
Envenenado que estou nesse coral
Augurais idílios de uma flor.

6 DE JUNHO DE 1966

ANATOMIA

Na transubstanciação da oração
Força-me dizê-lo: eu me rendo
Ante a grandeza astral desse mistério
Transidamente exposta em minha cela.

Esses ventrículos soberbos tutelares
Inventam provisão de hemisférios
Códigos de ocasos, estrelas reluzentes,
Se agasalhando foscas no espaço.

E na gravitação desses mistério
Invento eternos templos de euforia
Carne e sangue de cruzes provisórias.

Cogitando confissões e transparências
Fronteira cósmica de choro e solidão,
Renegados sermões de anatomia.

4 DE MARÇO DE 1970

ESFINGE

Conspurcados sonhares me assacam
Me ferem, e cru, arrancam-me os pedaços
E somem em cordilheira como nuvens
Debruçadas em cometas raros.

Desse canteiro de lágrimas violadas
Fluem orgasmos de pedra e solidão
Que se espraiam no seu verso solto
Como aves de sonho e mansidão.

Esses cristais de gelo me entorpecem
Transformam-me em estátua sufocada
Por esse ex-comungado sorvedouro

De paz de harmonia e bem-estar,
Esfinge fria de gnomos mortos
Sangrando a minha mente amortecida.

3 DE JANEIRO DE 1970

PRENÚNCIO

Transmudam-me os sons dessa nuance
Desse sonho de instantes raros
Sofregando o instinto de ser gente
Circunvolando os campos de invernada.

Enquanto escrevo o texto deste verso
A noite fura o céu dessa alvorada
Que veste de rubridez de astros soltos
Fascinando os palanquins carmesianos.

Douta é a rigidez da madrugada
Que rompe o céu azul dessa jornada
Desse préamar de espuma e sal.

Soneto de sol de mar e de mistério
Incêndio de luz lavando o mundo
Prenunciando algo que virá.

30 DE JANEIRO DE 1971

GALÁXIAS

Nas galáxias do meu inconsciente
Mundos incognoscíveis se acumulam
Num balé de mágica postura,
Ânforas de metal incandescentes.

Girando a trajetória dos milênios
Túrgidos astros que rebrilham soltos
Na grandeza do infinitamente,
Infinito meu Deus não sei o quanto.

Às vezes penso firme no universo
Nos milhões de galáxias que existem
No arco infitesimal do infinito.

E prostro-me humildemente só
Só na pequenez dos meus sentidos
Porque grande meu Deus somente és tu.

6 DE JANEIRO DE 1971

DEUS

Nesse reino azul de encantos tantos
Assoberba-me um surto de perdão
Astral, de mistérios insondados
Radiante da luz que o mundo afaga.

Eis-me genuflexo, humilde e grave
Ante o poder de tua energia,
De tua onipotência criadora
De tua onipresença – oh meu Deus.

Não sei como me sinto ante o teu gesto
Em tudo que eu toco sinto e vivo
Porque tu estás acima do infinito.

Não preciso pedir e nem orar
Porque tu sabes muito bem quem sou
Criado pela tua onisiência.

14 DE ABRIL DE 1964

ESTRADA MORTA

No cortinado azul do vésper instante
Sorvo o regato ameno – a serenata –,
Esse rastro douro que me afaga
E amacia o meu gesto de acalanto.

Receio que agora seja breve
Esse deslumbramento que me assiste
Que se insere em meu peito como um sonho
Barqueiro insano e cego de um doente.

Deslumbra a estrada estreita desta saga
Humildemente assumo o meu encanto
De tão atroz e fero sentimento.

Estrela e lucidez de um só momento
Que se afasta de mim como um suspiro
E arrasa tudo que sobrou de mim.

12 DE MARÇO DE 1964

Nas almas dessa torpe almofagia
Sucumbem salmos de orações tardias
Hipnose de amor continuamente
A revoar meu cérebro demente.

Trespasso-me a dor que me atormenta
E doura de ardência o ingente pasto
Intraduzível instante que me acode
Em contínuos terrores de assombros

Esse bafejo de vida que premia
Meu coração de dores trespassado
Decerto me agrada e me enternece.

Mesmo assim me sinto em vivescente
Deserto que me cerca e me amortece
Anestesia de sentir teus olhos.

4 DE ABRIL DE 1969

CANTOS OUTONAIS

Nessa multidão de arcanjos puros
Contemplo a espreita luz de pirilampos
Travestindo ilusões e me assolando
Em lambadas de ouro se espraiando.

São matinais das horas deambulando
O pouso de uma garça aconchegando
Pérolas de amor deliciando
Delicados mármores de pedras.

Desdobro o sacrossanto altar de preces
Que abençoa minhalma enternecida
De outroras de prazer de uma ermida.

No ilusório pavilhão de santos
Suspenso em corucho de flores
Espaldar de cantos outonais.

30 DE NOVEMBRO DE 1972

FUGA E CANTO

Na medrosidade desse enleio
Volutas de vertentes fazem com
Que serenamente se evolem
Em lânguidos receios usufruindo

Constelação de cristais metalescentes
Que timbram o meu cérebro teimoso
Paisagem santa – santa plenitude
De mil lembranças em fel petrificados.

Solertes matizes de flores matizadas
Fontes de luz em cores de esmeralda
Caminham soltas a ilumiando as trevas.

Rendas dolentes de arames frios
Sangram a solicitude dos meus versos
Fuga e canto de anjo adormecido.

6 DE DEZEMBRO DE 1972

DOLORIDO MANTO

Os teus engodos se engajam nos meus versos
E ganham a plenitude de um espanto,
Tropeçando mistérios decepados
De silêncios de cobre enclausurados.

Selvagem corpo – diamante raro
Cristais de anseios – dolorido manto
Evocativa lembrança de um instante
Nudez de uma tarde umedecida.

Que se insurge gemendo o meu segredo
Na incômoda paisagem laminada,
Escorrendo cristais dessa vidraça

Embaçadas de lágrimas e angústias
Num repouso de negra plenitude
Que se enrosca em mim como um tormento.

3 DE SETEMBRO DE 1972

FLUIDOS SIGILOS

Espectros de fluidos sigilos
Rondam os meus corcéis alvoroçados,
Esplende em luz o limbo dessa tarde
E suaviza indefinidamente.

A contrição sombria dos meus sonhos
Vessarte súbita de escumas tardas
Luciluzindo frias – levemente
Madrugadas de lírios que florescem.

Em cirandas de caos peregrinos
Num rodopio de sons alevantinos
De melancólico e lascivo tédio.

Rebrilham no espaço exaustivo
Aurifulgente mergulho na alvorada
Se espalhando no azul desse infinito.

16 DE MARÇO DE 1972

GÊNESIS

Degradam-se os salmos desta messe
E ruem em borbotões – plangente ermo –,
Tudo que toquei esculturando
Gemenis Dei álgidas alvoradas.

Tremeluzem os fachos dessa ermida
Onde se escondem eremitas loucos
Testamenteiros de antigas profecias
Pausadamente envoltos em velhos mantos.

Proclamo em altos brados essa atonia
De imaginários bens em arruinados
Murmúrios de nuvens escondidas.

Esquálidas corolas me obrigam
A provocar miasmas nesse refugio
Onde se homiziam mortos os meus olhos.

31 DE MARÇO DE 1972

ABISSAIS

Inquietos vendavais fascinam as trevas
Montados em corcéis de tempestades
Dueto de distância e solidão
Esplendorosa solidão de alfombras

Que balançam as ramagens abissais
Dessa folhagem de templos vegetais
Alvoroçando a brisa que balança
Os leques de antúrios afogados.

Subitamente surge como um rei
O sol – esplendorosamente claro –
Com o fogo de Andreus revivescendo.

Oh luz de fogo – nobre aparescência
Reverberando a solidão de um astro
Milagre de Deus apascentando.

4 DE OUTUBRO DE 1971

ASTRO-REI

Astro-rei – que brilha eternamente
Serenamente some no infinito
Por tantas e quantas vezes,
O sol fonte perene de energia.

Coche de ouro iluminando a terra
Supremo milagre – imaginável
Farol de luz de amor – vida e ternura
Que doura a vida sem cobrar tostão.

Tu és um deus por outro Deus criado
Pelo mesmo Deus iluminado
Para o bem da luz e eternidade.

No silêncio abismal do teu regaço
Vive o esplendor de todo o espaço
Que mesmo de longe aquece a vida.

28 DE ABRIL DE 1971

GRINALDA DE ILUSÕES

A cósmica visão desse aparato
Absorve-me a voz dessa moldura
Desse interlúdio de celeste encanto
A envolver-me como um véu de sonho.

Campanários de sons metalescentes
Vibram na imponência do seu canto
Gemendo os ais tristonhos do crepúsculo
Que se instala no céu como uma sombra

Manchando a policrômica textura
Dessa tarde frugal de breve encanto
Que se instala no céu, miragem baça.

Silencioso, rubro e altaneiro
Crepúsculo de deuses descarnados,
Grinalda de ilusões que se desfez.

4 DE JANEIRO DE 1949

REGAÇO MORNO

Arrasta-me à surdez desse flagrante
Odisseia de gritos lancinantes
Que em coro satânico se esgarça
Na amplidão sombria dessa noite.

E no regaço morno desse instante
Agarrou-me aos gonzos do meu tédio
Sobrepairando a mim mesmo entorpecido
De tantas investidas cruciais.

Agora na anestesia do silêncio
Que invade minhalma amargurada
Intumesco a estátua que esmaga

Corroendo o entorno do meu sonho
Que em campo aberto se espraia
Como corcel de ventos siderais.

16 DE MARÇO DE 1963

Vago sonambulescamente no meu pouso
De invernais soleiras complacentes
Nesse augural deserto inalcançado
Que galopa em silêncio no meu pasto.

E na embriaguez desse vinhedo
Extasia-se soberba a minha estrela
Na permanente abstração do sonho
Que brilha no meu céu inconsciente.

Inseridos em silêncio num missal
Passeiam idílios tardos de esperanto
Em voos de falenas encantadas.

Afagando em suspiros murmurados
O condor que voa entre as estrelas
Em estradas de luzes lá no céu.

4 DE DEZEMBRO DE 1966

ALMAS ERRANTES

Nesse desfile de estrelas raras
Presságios me invadem, cristalinos
Filtrando em minhas veias a sutileza
Do encanto febril do meu tormento

Singram como pássaros errantes
Nesse sonambular enevoado
Em gomos de beirais cristalizados,
Como preces mudas – empíreo canto.

Alcandorada mansarda de alvoradas
Ressurge neste verso como em salmo,
Coral de anjos negros malogrado.

Em súbita paisagem de antúrios
Divulgados em jardins suspensos
Como almas errantes lá no céu.

4 DE MARÇO DE 1963

MISTÉRIO

Que mistério existe no meu sonho,
Que encanto me envolve esse acalanto,
Essa volúpia, esse instante essa ternura
Esse êxtase de magia estranha?

Que se homizia em meu ser luzindo
De uma luz de cores hibernais
Afogando-me em calma passadura
Fundindo o meu sangue como aço.

De que fonte surgiu essa urdidura
Esse fremir de sons que me apavora
Embora cristalina como a luz?

Como o transparente suspiro de uma santa
A forma viva que irradia aromas
E deslumbra meus olhos trespassados.

12 DE ABRIL DE 1969

MANHÃS POLIDAS

Inauguro o meu dia como um flash,
Uma explosão de luz lavando a alma,
Oceano de cerne e de mistério
Monastério de paz e de oração.

Disfarço os meus sentidos entorpecidos
Conspurco a minha alma em holocausto
Zurzindo os meus desvelos como flamas,
Rasgando as auroras como lâminas.

São mastros apontando para os céus.
Tombadilho de manhãs polidas
Em lúdicas andanças tresloucadas.

E dos teus olhos de ver anjo noturno
Soturnos ventos beijam essa paisagem
E encharca o meu silêncio como cinzas.

1 DE JANEIRO DE 1973

PLANURA ASTRAL

Vésper é esse instante em que me encontro
Sonambulando os astros desvairados,
Cósmica visão do espaço infindo
Titãs da pedra rolando pelo espaço.

Bolas de fogo rolam como lírios
Soltas no espaço sideral, além do sonho,
Noturnas saturnais dançam no abismo
Da infinita catedral de mundos.

Na planura astral desse infinito
Estrelas se acasalam cintilantes
Como vagões celestes se atrelando.

Morbidamente assisto, estarrecido,
Esse balé de luz e claridade
Que me transforma em pó e nada mais.

24 DE FEVEREIRO DE 1974

A VIDA

Essa magia de ser e de não ser
De estar assim estando sem saber,
Que tudo passa na pressa de um instante
Como um estalo que o tempo registrou

Se sou isso é possível pois eu creio
Que sendo assim eu vivo nesse enleio
De ir e vir de onde eu não sei
Pois no ir e vir assim eu vivo

E vivendo eu cumpro a minha vida
De ser vivente indo e vindo à toa
Ao léu que toda a vida me legou.

E invento e inventando viva a vida
Caio aqui, levanto ali, assim eu vivo
Até que a própria vida cansará.

3 DE JUNHO DE 1970

ÁUREO MELLO – GLÓRIA DA POESIA BRASILEIRA E UNIVERSAL

Conheci esse monumento da poesia brasileira em Manaus na década de 1940. Jovem, dinâmico, exaustivamente movimentado, Áureo Macedo Bringel Viveiros de Mello logo se transformou numa espécie rara de líder da juventude manauara. Jornalista, escritor, poeta, político e animador, revolucionou Manaus numa época em que a cidade ainda dormia o sono solto da hipnose econômica da borracha, publicando o seu primeiro livro "Luzes Tristes", alcançando de imediato um retumbante sucesso editorial e de leitores, principalmente da juventude de sua idade. Acho bastante difícil falar de uma celebridade como o meu grande amigo Áureo Mello, mesmo porque os seus versos estão acima de todas os adjetivos e críticas. Sei porém que Arte e Sociedade são dois dos conceitos mais vagos da linguagem moderna brasileira, embora saibamos que ela é universal, globalizante, e digo linguagem moderna porque tais palavras não têm equivalentes nas línguas europeias antigas, que são de uma terminologia mais concreta. Em inglês, a palavra arte é tão ambígua que não haverá duas pessoas que a definam espontaneamente do mesmo modo. Li com atenção e profunda simpatia e empatia o livro desse gênio, intitulado "Inspiração – poemas" editado em Brasília em 1989. Para mim esse livro representa não somente a maior obra poética de Áureo Mello, mas, e principalmente, uma das maiores de toda a história literária do Brasil em todos os tempos. Áureo Mello é um gênio, um sábio, um extra-terrestre

dentre esse universo de gente que faz poesia. Áureo Mello com sua inteligência privilegiada e dotada de elementos cósmicos, além da nossa percepção, fez uso de uma memória que é um dos nervos vitais do universo que o autor vem construindo nos rastros do pensamento dominante nesses nossos tempos de mutação permanente: pensamento pelo qual o homem se descobre de repente, como novo antro decisório no mundo descentrado em que lhe cabe viver. Mas não solitário. Um eu que não pode se fechar em si, como uma mônada irredutível, mas sim abarcar a existência do outro.

Experiência dificílima, que a filosofia existencialista define como um ser que depende das relações estabelecidas com outro. É no encalço dessa difícil experiência existencial que se desdobra o universo policrômico e polimorfo desse poeta monumental que é Áureo Mello. A sua poesia é lida através dessa ótica que a linguagem por vezes sibilina do autor se ilumina, se revela em torno dessas indagações, através do espaço infinito da memória privilegiada. Como sabemos, a ótica memorialista é uma das dominantes da poesia contemporânea atual. Mas para atender que possa haver de verdade biográfica em suas labirínticas efabulações, o que importa é a fala de um eu que rompeu os limites da pessoa no ser todo, engajados nessa aventura humana. Nessa ordem de ideias compreende-se que o erotismo seja uma das grandes forças que dinamizam a poesia contemporânea que busca a fusão do eu-outro. É dessa força telúrica e profundamente poética que se alimenta a obra monumental de Áureo Bringel de Mello desde esse seu livro de estreia. Poesia memorialista de linguagem puramente atual e requintada. Os anos 80, datas da edição d seu livro capital, distancia-se do estilo cuadaloso – poético, sintonizado com a fragmentação e agilidade da linguagem de hoje. Áureo Mello afora o estilo curto, claro, conciso, cujo ritmo lúdico neutraliza a dramaticidade do que é narrado. Não estaria o testemunho de que a liberdade é um estado de espírito? Poesia

de fundas raízes religiosas, a de Áureo Mello se constrói sobre a fé do destino transcendente do homem. Destino que só através do amor, da fraternidade ou comunhão com o outro poderá ser realizado. Nesse tom que oscila entre a blague, a ousadia, o poeta faz sua profissão de fé, lúcida e ludicamente assume sua vocação de poeta maior e as contradições ou paradoxos inerentes à sua condição humana. Com essa acepção o poeta revela-se o super -adjetivo que apesar de suas limitações aspira ver além do olhar comum e sequer pertencente à longa linhagem dos poetas que vivem a luz: poetas que têm grandes olhos luminosos e cuja boca brilha como o portador de uma grande nova vida, nova atitude, novos gestos estéticos e poéticos.

Malgrado a impessoalidade parnasiana a que ainda se apega e a preocupação de expressar-se de modo objetivo, sente-se nos últimos livros de Áureo Mello uma aura de sugestibilidade, que ultrapassando as descrições meramente plásticas, faz pensar numa inquietação filosófica que o aproxima do universo simbolista. Com isso afirma-se na sua poesia um elemento espiritual embebido de petrarquismo e de sentimento do cotidiano, um processo em que se observa a passagem do sensível ao simbólico. Ao mesmo tempo certo à vontade de alguns poemas que prenunciam o advento da poesia modernista. Apesar de todas essas mutações, Áureo Bringel de Mello caracteriza-se primacialmente por ser um poeta da natureza do amor, incluindo a transposição de aspectos prosaicos, habitado por um permanente estado lírico que trai sensibilidade de raiz romântica vestida em forma parnasiana. Para se ter uma ideia da grandeza poética desse gênio caboclo do Amazonas, basta ler este soneto:

SONETO "AD FUTURUM"

Aqui nesta alameda de ramagens
Sutis, porque são rendas vegetais;
Onde as sombras ao sol dessas folhagens
Ampliam formas vivas abissais;

Aqui onde qualquer dessas imagens
Lembra de ti, fala de ti, não mais
Onde a vida, onde o céu, onde as arcagens
Dizem bem claro que te amei demais;

Aqui na minha rua inesquecível
Onde, com um grande amor inexcedível,
Espiava ansioso a tua aparição.

Hoje estou só tristonho, os membros\lassos
Mas, mesmo assim, escuto agora uns passos
Pisando firme no meu coração.

Poeta ludicamente consciente de seu tempo e da tarefa semeadora o poeta Áureo Mello escreve seus sonetos sempre se dirigindo emotivamente à sensibilidade da relação homem-mulher, seu entrosamento afetivo e sem os exageros de palavras esdrúxulas e sem grandeza estética confessando-se um eterno apaixonado, Áureo Mello manifesta em quase todos os seus poemas essa atitude profundamente humana de um ser condenado a render--se a essa condição de ser permanentemente subjugado ao amor eterno. É verdade que há nos sons isentos, vacinados, condenados a jamais sofrer dessa doença afetiva-emotiva de amar demais. Outros no entanto como o poeta Áureo Mello sofrem incuravelmente desse estado de êxtase milagroso e misterioso que é o amor.

Áureo Mello não é um poeta vazio, materialista, niilista; ele é antes de tudo um sensitivo, um anjo de candura, um verdadeiro repositório de amor, de ternura, de afeição, de carinho, de humanismo e de inteira empatia humana. Em seus versos sibilinos inscritos em seus livros, manifesta-se metaforicamente a problemática maior que energiza, que dá vida ao universo poético que Áureo Mello vem construindo em beleza e força. Leia este outro soneto:

"VIDA"

Na ciranda de cores vespertinas
A era de luz do teu olhar radiante
Aclarou, com sua sombra o meu semblante,
Acordando harmonias cristalinas...

Depois, quando esperanças peregrinas
Fizeram florescências de diamante
Nos meus olhos também segue distante,
De teu sorriso as luas purupurinas.

E enfim, tendo as tuas mãos entre os meus beijos
Brancas, esgalgas, como dois adejos,
Dois lírios rodopiando em tempestades.

Soube que a vida se resume apenas
Em sons, em luar, em cor, lírios e avenas
Precursores de lívidas saudades...

Problemática que se desdobra em múltiplas faces, no rastro das grandes interrogações que em todos os momentos de crise civilizacional, voltam a assaltar os homens. No universo incomensurável de Áureo Mello, o desejo de tocar esse novo conhecimento se manifesta por meio de uma mais alta metáfora do conhecimento, da sabedoria; a árvore, símbolo-mito que vem das origens do tempo, ora representando a vida cósmica em suas mil formas de geração e regeneração, ora a sabedoria que desde os tempos bíblicos foi negada aos homens, punidos com a queda por tentarem alcançá-la. E no encalço dessa sabedoria oculta no além da razão ou dos limites humanos que se desdobra a sua poesia numa verdadeira viagem iniciática. Viagem que não visa chegar a um ponto ou à resposta final, mas que tem em si mesma o objetivo último – a vida engajada no exercício de viver na dinâmica relação eu-outro eu-mundo. Relação permeada de júbilo, paixão, sabedoria e fraternidade. Mas a partida, a persona poética se sabe imatura e ainda não preparada para ser além do olhar. Consciente de sua própria grandeza Áureo Mello assume lucidamente sua tarefa de busca com o desassombro análogo de Sísifo de Camus cuja profunda autorrealização foi descoberta na ação de levar a pedra ao cume da montanha – tarefa do homo-viatur e não em conseguir mantê-la ali, tarefa do homo-faber, conforme a condenação dos deuses gregos. Não é demais e nem exagero afirmar que Áureo Mello é um poeta de grande sensibilidade, humanismo e incansável corpo-a-corpo com a palavra seja falada ou escrita.

Áureo Mello multiplicou seu idealismo e solidariedade humana através de vários livros publicados, todos de uma poesia de grandes adjetivos destinados a todas as idades e níveis intelectuais. Pertencente a uma geração de gênios, portanto formado culturalmente com o material herdado pelos valores anteriores – a explosão dos anos 60, é, reconhecidamente, um escritor que acompanhou a evolução dos tempos, sem descaracterizar sua maneira singular de ver e sentir o mundo em que lhe cabe

viver. Sua verve é só dele e para ele, sempre simbolizando a luta por um ideal, pela concretização de um sonho.

A grande lição de esteticismo dada pela extraordinária obra poética de Áureo Mello é que a vida é um longo aprendizado e que vale a pena empenhar-se nele. Esse extraordinário poeta, político, jornalista, escritor, planfetário e exímio conferencista, veio ao mundo nas escalavradas margens do rio Madeira, na pequena cidade de Santo Antônio do rio Madeira no dia 15 de junho de 1924. Diz a lenda que no dia e hora do seu nascimento houve naquela região um temporal inusitado, jamais visto e sentido pela população do lugar. Vagalhões imensos bombardearam as margens do rio; a tempestade era tão grande que tornava impossível a permanência de pessoas fora de suas casas. Raios, trovões e uma luz solar impressionante cobria toda a vida da região. Aquilo era um fenômeno singular, uma aparição e uma manifestação de algo fora da imaginação humana. Os pais do nascituro logo procuraram um curador que explicou assim o fenômeno: aquilo era a natureza comemorando o nascimento de algum gênio que naquele instante deveria ter nascido naquele lugar. Na verdade, a única pessoa que nascera naquela hora e dia fora o futuro poeta Áureo Mello, no dia dedicado a São Nicolau, padroeiro dos poetas. A primeira infância do poeta foi vivida às margens daquele rio barrento onde o menino aprendeu a pescar de caniço os gordos pacus, sardinhas, tucunarés e outros peixes pequenos. Ainda muito criança aos seis anos de idade seus pais o trouxeram para Manaus onde iniciou os seus estudos primários. O seu primeiro colégio foi o Grupo Escolar Cônego Azevedo na rua Xavier de Mendonça, no bairro do Chora-Vintém, depois bairro dos Tocos, hoje bairro de Nossa Senhora Aparecida dos Tocos. Em seguida matriculou-se no Grupo Escolar Marechal Hermes da Fonseca onde concluiu o curso primário. Foi nesse tempo que

sua fértil imaginação levou-o a escrever versos que encantavam as meninas de sua classe. Jovem ainda com os seus encantadores 15 anos, Áureo Mello já era tido como um poeta singular naquela população de pouco mais de 100 mil habitantes. Aos 18 anos ingressou na vetusta Faculdade de Direito do Amazonas concluindo com invulgar brilhantismo o curso de Ciências Jurídicas e Sociais. Fez pós-graduação na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Esse exemplar intelectual é filho de Hugo Viveiros de Mello e de dona Elvira Bringel de Mello. O poeta conheceu a bela jovem e inteligente Maria Tereza Franco Ferreira de Mello com quem convolou núpcias de onde nasceu uma filha de nome Neomênia Simplício de Oliveira que infelizmente faleceu vítima de um acidente automobilístico no Rio de Janeiro.

No Rio, Áureo Mello iniciou a sua profissão de advogado, abrindo uma banca em Copacabana onde exercitou por longo tempo essa profissão. Apesar de empregar o seu tempo quase integralmente à advocacia, Áureo Mello jamais deixou de lado a sua verdadeira vocação – a poesia. Com o fim da ditadura de Getúlio Vargas em 1945 e o consequente movimento pela nova constiuição, resolveu filiar-se ao Partido do presidente – o PTB. (Partido Trabalhista Brasileiro), do qual foi em Manaus um dos fundadores, conseguindo eleger-se constituinte de 1947 como deputado estadual, reelegendo-se em 1950. Continuando a saga política, Áureo Mello candidatou-se em 1954 a uma vaga na Câmara Federal elegendo-se brilhantemente com incrível votação. No ano santo de 1955 com a criação da Liga de Emancipação Nacional, assumiu a presidência da mesma no Rio de Janeiro iniciando uma grande luta, objetivando defender as liberdades democráticas e a independência do desenvolvimento econômico do Brasil. Entretanto, essa liga passou a ser infiltrada por uma facção comunista e o presidente da República, doutor Jus-

celino Kubitsheck de Oliveira, decretou o fechamento da mesma. Sempre envolvido com ideologias nacionalistas, embora conflitantes, Áureo Mello novamente, em 1957, participou de uma Frente Nacional Parlamentar criada pelos militantes do PTB, PSB e da UDN, a fim de criar uma plataforma nacionalista no Brasil, contra a intervenção do capital estrangeiro. No desempenho do mandato na Câmara Federal em Brasília, Áureo Mello defendeu o direito do voto para o analfabeto, o monopólio do petróleo, a nacionalização dos depósitos bancários, a fiscalização rigorosa na remessa dos lucros para o exterior e outras questões de interesse do país, em relação aos anseios de nossa soberania. Sem desistir da política, em 1958, Áureo Mello concorrendo mais uma vez a uma cadeira de deputado federal pelo Rio de Janeiro, conseguiu ficar na terceira suplência. Nessa mesma época foi nomeado procurador do Instituto Nacional de Colonização (CNIC) transformado em seguida para Superintendência da Reforma Agrária (Supra).

Como uma atuação marcante na política e nas atividades intelectuais, tornou-se conhecido pelo trabalho polêmico no Rio de Janeiro e, em 1962, novamente candidatou-se a deputado estadual pelo Estado da Guanabara e conseguiu eleger-se. Em seguida, com a cassação de vários parlamentares após o golpe de 1964, foi chamado para ocupar uma vaga na Câmara Federal. Em 1982, na condição de membro integrante do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), voltou a ser candidato e disputou uma vaga de suplente ao Senado da República pelo Amazonas, na chapa de Fábio Pereira de Lucena, mais conhecido como Fábio Lucena, o qual, eleito senador, representava uma nova esperança política para o Amazonas. Mas durante o exercício do mandato, o senador Fábio Lucena, vítima do seu próprio temperamento, passando por uma fase difícil de sua vida particular e sem receber apoio moral de alguns amigos, tomado de uma depressão inexplicável, cometeu suicídio em Brasília,

metendo uma bala na cabeça, consternando o Amazonas com a sua atitude tresloucada e inesperada. Assumindo a vaga de Fábio Lucena, em 1987, o novo senador Áureo Mello logo depois foi preterido pela Comissão de Sistematização do Congresso, perdendo o cargo. Entretanto, durante os vários mandatos assumidos, foi autor de alguns projetos e emendas, muitos dos quais não receberam aprovação, em virtude de contrariarem os interesses políticos do sul do país.

Retornando as disputas eleitorais, Áureo Mello ainda foi eleito senador da República por Brasília mas depois de concluir esse mandato, aposentou-se no cargo de procurador pelo Ministério da Agricultura e não retornou a Manaus, vivendo em Brasília e participando intensamente em movimentos culturais. Dentre as dezenas de livros, panfletos, artigos e depoimentos publicados destacam-se:

Inspiração – poesia; *Luzes tristes, poesia; Claro Escuro, poesias; ; Os dois Violinos; As Aureonaves; O Hipopótamo e o Violino de Vidro; Presença do Estudante Cambaxirria; Era Uma Vez* – poesia.

Tive a honra de conviver com essa figura monumental desde os idos de 1945, quando era revisor do *Jornal do Comércio* e Áureo Mello era redator de *O Jornal* e do *Diário da Tarde*. Devo dizer que eu sempre manifestei a minha inteira admiração e respeito pela verve poética desse gênio da poesia universal, seus sonetos e suas crônicas. Ele era senador da República quando eu realizei uma exposição de meus quadros no hall do Senado, oportunidade conseguida por esse meu grande amigo e irmão querido. Reviramos juntos as noitadas de Brasília de então, sempre ouvindo e me deliciando com seus sonetos geniais. Há muito tempo eu desejava escrever algo sobre a vida e a obra dessa cordilheira de belezas espirituais que é Áureo Mello, hoje o faço com a maior felicidade da minha vida, mesmo porque eu o vejo não somente como um ilibado espécime,

mas uma aparição encarnada pelas poderosas energias incognoscíveis do inconsciente humano.

Que Deus salve o grande Áureo Mello

Deo gracias

MOACIR ANDRADE

Em Manaus, 20 de junho de 2011

MOACIR ANDRADE – UM SÁBIO

Conheci Moacir Andrade nos longínquos dias de 1948 quando era professor de desenho técnico e matemática do Ginásio Amazonense Pedro II, ali na avenida 7 de Setembro entre a rua Ruy Barbosa e avenida Getúlio Vargas. Moço ainda pois naquela época tinha um pouco mais de 20 anos e lecionava essas matérias naquele casarão, nos três turnos. Naquele ano Moacir Andrade já era conhecido como um exímio desenhista e pintor. Como escritor só tive conhecimento com o advento do Clube da Madrugada na década de 1950. Lia assiduamente seus belíssimos artigos no jornal *A Crítica*, de Umberto Calderaro Filho, sobre vários assuntos, principalmente sobre os hábitos, costumes, tradições, o dia a dia da cidade, seus vendedores ambulantes, doceiros, padeiros, carvoeiros, sorveteiros, vendedores de palha de buçu e tudo que caracterizava a Manaus daquela época. Além disso Moacir Andrade revelou-se um acabado ficcionista escrevendo também no *Jornal do Comércio*, de Epaminondas Baraúna.

Num balanço geral da obra desse genial escritor e jonarlista, pode-se concluir que ele é um excelente ficcionista como provam inúmeros artigos publicados nos jornais locais. Na verdade, Moacir Andrade dedicou-se à literatura desde a sua juventude quando fazia parte do Clube da Madrugada: Moacir Andrade procurou sempre aperfeiçoar-se, como testemunha o progresso contínuo que vai dos contos aos documentários e crônicas. Se no primeiro deles há uma visível ascensão de progresso. Moacir Andrade como já era de esperar atinge um nível de excelente escritor. Mas é na elocução que Moacir Andrade revela a principal característica: um autor consciente de sua responsabili-

dade literária, sua independência perante os modos e as escolas literárias e a busca de uma expressão viva e original plasmada com os recursos da língua falada pelo povo de Manaus, sua terra natal. Nota-se de fato o respeito à cultura popular evidente na cuidadosa recriação do meio, no registro dos costumes e hábitos típicos, no entusiasmo pelo homem de pureza de alma e rigor de atitudes. O folclore, por exemplo, é sentido e apreciado como verdadeira manifestação da arte expontânea do povo, não como atraso, falta de cultura mas por pura identidade. Essas e outras qualidades literárias reconhecidas pela crítica mais exigente, autoriza a inclusão de Moacir Andrade na história da Literatura Brasileira, entre os nomes mais significativos da ficção regionalista universal. O que dá a nota de originalidade à obra de Moacir Andrade é a sugestão de uma atmosfera fantasmagórica, povoada de sombras, de situações tenebrosas, como os crimes praticados nos seringais amazônicos que o autor enfeixou em seu livro a ser publicado – "Amazonas nos tempos dos coronéis", testemunhos de um passado irremediavelmente morto, a não ser na memória e na sensibilidade do narrador. Entretanto, por mais analítica que seja a descrição desse ambiente, Moacir Andrade impregna-a sempre de um quê de imponderável, um ar de mistério parametafísico, que visa transcender a mera percepção psicológica. Nesse fundo ambíguo, não há, rigorosamente falando, personagens mas figuras hieráticas, tecidas de gestos e silêncios cuja fonte psíquica foge sempre ao leitor. Daí decorre certa aparência de imotivação, de inexplicabilidade das situações, as quais escapam a qualquer crítico usual de verossimilhança.

O mesmo alheamento de psicologia realista vem acompanhando de não poucas digressões subjetivas, além da costumeira presença de atmosfera mórbida, plúmbeas, agressivas e até mesmo alucinatórias. Quanto à perspectiva de Moacir Andrade, tem a crítica insistido na sua vinculação com a metafísica cristã do pecado e da redenção; Moacir Andrade é de qualquer forma

dos mais notáveis exemplos de memória, ficção e criatividade introspectiva em língua portuguesa: inicialmente sem sair de seu claustro social que é a cidade de Manaus, insulado de tudo e de todos, Moacir Andrade penetrou fundo nos estudos literários, principalmente da poesia, deslumbrando o mundo com sua iluminada criatividade poética. Quando Moacir Andrade surgiu como poeta nos idos de 1954 no Clube da Madrugada siderou literariamente seus contemporâneos com seu ritmo enérgico e martelado, que encantou todo o Brasil. Espírito exuberante e perspicaz Moacir Andrade mergulhou fundo no atol da condição de caudatário do Parnasianismo, embora fosse um seguidor disciplinado e incondicional da poesia livre. Voz eminentemente tropical, vibrante e a seu modo literária, não poderia contê-la, também, os murmúrios do simbolismo contemporâneo livre da claustralidade original. No anseio de conquistar uma expressão pessoal e de inovar, Moacir Andrade cultiva as mais variadas formas de expressão e inventa grande acervo de palavras que usa em seus sonetos, contos e crônicas. A facilidade de versejar e a sedução da retórica verbal o eleva aos píncaros dos que fazem da língua a base do seu criativismo literário.

Homem de incrível versatilidade, Moacir Andrade excursiona em todos os veículos da literatura nacional, sempre manifestando o seu poderoso material bélico de guerreiro vitorioso. Apesar de entrado em anos, continua firme, forte e dinâmico, escrevendo, esculpindo, entalhando, pintando, fazendo conferências nas universidades para onde é convidado, vivendo e convivendo. Moacir Andrade é um verdadeiro apaixonado pela Amazônia e pela vida que vive com profundo amor.

Vivaldo Barros Frota

MOACIR ANDRADE – SUA OBRA, SUA VIDA.

Walmir Ayala

O que hoje se afirma como pintura amazônica só tem seu exato sentido no exato momento da estratificação e análise da obra do pintor amazonense Moacir Andrade. Filho e criação daquela mágica região verde e portentosa, cheia de mil enigmas e mistérios. Sua pintura máscula e dinâmica, faz lembrar as primeiras manifestações dos traços primitivos de seus ancestrais índios. A pintura, desse gênio caboclo que é Moacir Andrade é exata, contida, construída, narrando com a grandeza de sua sabedoria de forma e convertendo a relação do ser com o espaço numa realidade mágica. Não foi por acaso que sábios da nossa literatura e arte escreveram sobre o seu trabalho monumental. Como um glober troter da arte universal Moacir Andrade vasculhou o mundo levando a tiracolo suas obras e a imensa e dinâmica vontade de divulgar a sua Amazônia que ama até a insanidade. No momento em que a personalidade continental da nossa arte intrinsicamente brasileira é tão questionada, em que a arte latino-americana assume posição de tema prioritário em nosso dia a dia, acreditamos que o grande Moacir seria exatamente o artista capaz de colocar o Brasil em dia com o elenco de laboratórios que compõem o grande coral americano. Audível e impositivo. O interesse de entidades museológicas latino-americanas, preocupadas com o levantamento de imagens consequentes com a realidade continental, capazes de convencer e marcar os grandes centros irradiadores de influências, deve voltar-se para a obra

hercúlea de Moacir Andrade, cuja vivência foi abeberada nas mais respeitáveis matrizes do meado do século passado, sabendo manter-se sabiamente pessoal e nacional. A visão abrangente desse genial pintor a partir de uma obra tão extensa e coerente servirá de esteio para o entendimento das propostas mais variadas do nosso universo criador. Tangencia sem dúvida a fronteira a fim da comunidade latino-americana com a potência aglutinadora de uma consciência de trabalho, atentando para o limite do artesanal e do mental, sem desprezar as mitologias locais e arcaicas, isso levaria o maior pintor da nossa contemporaneidade construir um estilo que além de ser extremamente singular é também de uma grandiosa exuberância de cores e formas.

A personalidade robusta de Moacir Andrade se reflete como uma luz incadescente nas suas obras, sejam elas pinturas, desenhos, esculturas ou entalhe em madeira ou mesmo nos textos de suas crônicas ou contos. Com o magnetismo de seus gestos hipnóticos e mágicos Moacir Andrade consegue com pleno êxito penetrar fundo no icognosável dos abissais recantos de sua alma apaixonada, que materizliza em seus quadros e em seus desenhos com detalhes e filigranas que os transforma em verdadeiras joias pictóricas. Ele mesmo já é uma obra de arte, mesmo porque, todos os gestos que fluem de seus movimentos, sejam eles físicos ou mentais, despertam a verdadeira empatia interpretada pelos psicólogos e pelos técnicos em comportamento humano. Homem de uma coragem singular, jogou-se mundo afora levando na ilharga caixas e mais caixas com seus quadros para mostrar naqueles países o que o Amazonas tem. Essa coragem inusitada e proposital em representar o Amazonas e o Brasil no centro das mais díspares sociedades internacionais, outorgou ao nosso pintor o título mais que honroso de embaixador da cultura amazônica brasileira, tornando-o com justa expressão o maior ou um dos maiores pintores contemporâneos do mundo. A Amazônia brasileira sempre foi para Moacir Andrade

uma espécie de amor ensandecido. Profundamente apaixonado pela região, a Amazônia, visto pelos olhos da alma de Moacir Andrade, espírito iluminado, um revelador potente de realidades. Telúrico, selvagem, escultórico, lírico, profético, acusador. Não apenas para ser percebida nos efeitos teatrais musicalmente sincronizados por um estilo em que a arte e ciência se confundem. Sobretudo para ser entendido em suas revelações, suas interpretações, suas denúncias, suas intuições. Moacir Andrade é quem primeiro desperta, com a auréola de seu nome consagrado nacional e internacionalmente, o brasileirismo amazônico. Essa grandiosa Amazônia tão esquecida e tão longe do coração e da afeição do Brasil, desconhecido na aspereza de um meio que o homem amansava, em rasgos de audácia, esquecido do mundo circundante, jogado no tumulto dos interesses e da paixão, vítima das doenças. Uma sociedade defeituosa e cruel que Moacir Andrade sabe com a sua genialidade registrar e materializar em seus quadros com toda a dramaticidade em seus quadros e em suas crônicas. Na Amazônia que Moacir Andrade revela para o Brasil e para o mundo, encontra um outro Brasil que ele fixa em cores, formas e imagens, como se fosse um escultor de encantos a quem não faltasse o generoso solidarismo social. Um novo Brasil em que a mistiçagem étnica afirma a presença do homem e sua vitória sobre o meio selvagem e agressivo. Então o pintor começa a retificar conceitos anteriores. Ele não vê o mestiço amazônico como descrevera o nordestino dos sertões com incapacidade biológica fatal. Ao contrário, proclama as virtudes físicas e morais daqueles caboclos rijos do Purus e do Madeira e do Juruá que não são efeitos do meio, surgem a despeito do meio. Sua tendência de aproximação e identificação com a natureza leva-o à observação experimental: muito mais na Amazônia do que mesmo em outra parte desse imenso Brasil.

Como se explica a constância desse mito que é Moacir Andrade? Quem entre as centenas e até milhares de pintores na-

cionais de todas as idades deixa de se fascinar com o estilo e as ideias do pintor. De onde provém a magia que Moacir Andrade imprime em seus quadros e que permanece intacta, há mais de setenta anos de sua vida artística? Particularmente ligado a Manaus onde nasceu e vive até hoje e onde constituiu família e seu imenso patrimônio cultural. Moacir Andrade foi o primeiro artista plástico a interpretar o Amazonas não somente em suas paisagens botânicas mas e principalmente os hábitos, o dia a dia, os costumes, as tradições, os mitos, o folclore e principalmente a alma pura e simples do povo amazonense. A reunir as qualidades do artista de saberes e do estilo absorventes e de maior brilho e consagração na inteligência nacional.

Moacir Andrade possui o vigor de uma palavra predisposta a ser sempre, artística, real, eloquente. Como homem de ciência social e como homem de arte e das letras. Assim tudo se perdoa, se tolera, se revela em Moacir Andrade. Até mesmo os excessos de retórica e de eloquência que vez por outra resvala em sua prosa genial, principalmente por ser um exímio contador de histórias. Percebe-se e até se torna um atrativo, talvez pelas verdades, formas e cores com que ele nos expõe, tentadoramente. Moacir Andrade funde-se ao Amazonas como um iluminado. Ele mesmo se define assim, nas conferências que fez em uma de suas exposições na Europa quando diz: Quando adentramos a floresta embora um reconhecimento penoso, verificamos encantados que só podemos caminhar na terra como os sonhadores e os iluminados. É quase certo que Moacir Andrade tenha escrito essas frases, tão notoriamente sensível e personalíssima, sob o calor de lembranças muito recentes de suas viagens pelo exterior. Entretanto, o iluminado não seria apenas um estado de espírito que se voltava para paisagem bárbara, sedento por percorrê-la, por interpretá-la em seus mágicos quadros. Como se fosse um monstro ecológico deixando-se flechar pelos índios, deixando-se amarrar com cipós e lianas amazônicos, Moacir Andrade iluminava-se ao país de-

pois de realizar inúmeras mostras de seus quadros. A revelação máscula de uma Amazônia que quase todos desconheciam. A paisagem, o homem, a sociedade, a tragédia, o épico, o poético, juntam-se à informação científica, uma novidade no Brasil do fim do século 20.

Moacir Andrade em decorrência do seu intenso amor pela arte pictural, alcançou um nível tão alto que é quase impossível, à primeira vista, fazer uma crítica honesta e imparcial. Arte e sociedade são dois conceitos mais vagos da linguagem moderna – e digo linguagem moderna porque tais palavras não têm equivalentes nas línguas europeias antigas, que são de uma terminologia muito mais concretas. Em inglês, a palavra "arte" é tão ambígua que haverá duas pessoas que a definam espontaneamente do mesmo modo. As pessoas requintadas tentarão isolar certas características comuns a todas as manifestações de arte – e se envolverão com a ciência das artes, a estética e finalmente com a metafísica. As pessoas simples tendem a identificar a arte com uma das artes habitualmente a pintura. Ficarão confusas se lhes pedirmos que pensem na música ou na arquitetura como artes. Comum tanto às pessoas requintadas como às simples é a suposição de que, não importa o que seja, a arte é uma atividade especializada ou profissional, sem nenhum interesse direto para o homem médio.

O conceito de sociedade é igualmente vago. Uma sociedade pode compreender o número total dos habitantes de um país – pode até mesmo dizer respeito à humanidade como um todo. No extremo oposto, pode referir-se a um certo número de pessoas que se reuniram para uma finalidade comum a todas mas especial em si – os membros de uma seita religiosa ou um clube. Mas, assim como temos uma ciência da arte que procura ordenar um assunto confuso, temos também uma ciência da sociedade, a sociologia, que tenta dar coerência lógica a esse segundo conceito. As duas ciências, estética e sociologia, raramente se misturam

mas houve tentativas de criar uma sociologia da arte e várias utopias como a Política de Platão, que se preocupavam com uma arte da sociedade, com o governo ou a organização social concebidos mais como arte do que como ciência. Poucos filósofos, embora Platão seja um deles, consideram a arte e a sociedade como conceitos inseparáveis – que a sociedade, como entidade orgânica viável e de certo modo dependente da arte como uma força aglutinadora e energizante. Esta foi sempre a minha opinião sobre tal relação e neste ensaio gostaria de mostrar um pouco em que consiste ela (ou consiste o passado) e as consequências fatais da ausência de qualquer relação semelhante em nossa civilização contemporânea. Moacir Andrade é um desafio para a crítica de arte contemporânea dos nossos dias e um autodidata perfeito à atitude perante a vida, representada pela palavra alieanação. Isso porque Moacir Andrade é o exemplo extremo do naturalismo amazônico na arte da pintura – isto é, um estilo que pretende transmitir (sem a sofisticação dos meios implícitos no impressionismo ou sem a crueza seletiva ou a severidade que passa a ser o realismo e sem qualquer sugestão das compensações psicológicas que dão força ao expressionismo) a natureza autossuficiente do motivo, da cena ou figura escolhida para a representação. Há decerto, mesmo no naturalismo desse tipo extremo, um elemento de arbitrário. Todo detalhe do quadro pode corresponder a um detalhe da natureza (e por isso entendemos, numa linguagem mais filosófica, os objetos ou fenômenos presentes em nossa sensação visual), mas o pintor fez a sua escolha não só de um objeto ou objetos a serem pintados, mas também da sua disposição num determinado espaço e dentro de uma moldura sempre arbitrária. O naturalismo na arte se distinguiu da fotografia ou da imagem – espelho graças a uma certa liberdade de variar e até mesmo de eliminar, os elementos constituintes de uma certa composição. Enquanto o quadro parece natural, será realmente natural.

O naturalismo da perfeição alcançada pelo pintor Moacir Andrade, mesmo com expressiva pincelada impressionista, deve-se à combinação de duas qualidades num pintor – visão e habilidade estética. Por visão entendemos como já deixamos implícito, algo mais do que a perfeição visual direta. A visão na arte é a capacidade de ver os objetos em sua natureza essencial, em sua relação com outros objetos no ambiente, em sua integridade substancial. A habilidade na arte é a capacidade de estabelecer uma correspondência exata entre esse tipo de visão e a imagem que o pintor cria na tela, com seus instrumentos e pigmentos. Raramente na história da arte um momento de visão, no sentido definitivo aqui, tem correspondência numa habilidade perfeita de reproduzir essa visão. Moacir Andrade é esse caso raro e sem dúvida, é um mestre supremo da harmonia das cores. A escolha de uma determinada gama de cores é determinada pela sensibilidade singular do pintor: uma preferência pessoal em cores é tão arbitrária quanto um gosto pessoal em comidas ou vinhos. Mas a harmonização das cores preferidas, sua disposição em áreas proporcionadas dentro do espaço pictórico, seu grau de saturação, seus tons modulados – todas essas sutilezas de aplicação são realizadas pela extrema habilidade no preparo ou mistura das cores e na manipulação dos pincéis. A harmonia de cores de Moacir Andrade é por vezes descrita como fria e há certas combinações de amarelo-limão, azul-claro e pérola. Mas Moacir Andrade é um artista das harmonias mais ricos e mais solenes, quando se trata de suas paisagens monumentais. Sua beleza pode ser explicada em parte pela sutil combinação de três texturas contranstadas – o brilho horizontal da água, a textura granular dos barcos e da floresta a meia distância e as gradações infinitamente suaves das nuvens, no alto. Só Moacir Andrade é mestre dessa escala cromática, tão ressonante e ao mesmo tempo tão tranquila. Todos os quadros de Moacir Andrade estão ba-

nhados nesse tipo particular de serenidade. Pouco sabemos da intimidade desse gênio criador, de sua personalidade marcante e empática, sendo perigoso generalizar a partir das evidências de seus quadros. Como o maior paisagista tropical de todos os tempos, Moacir Andrade conquista prêmios internacionais que honram não somente o Amazonas, terra do seu nascimento, mas ao Brasil e aos brasileiros. Seus colegas tentam imitá-lo mas Moacir Andrade é inimitável. Tanto suas paisagens botânicas como humanas receberam da Faculdade superior do seu inconsciente, uma marca, um sigma, uma textura, só ele pode desfrutar, materizlizando em suas obras, essa indubitável marca da sua grandiosidade. Moacir Andrade nasceu em Manaus no dia de Santa Gertrudes a 17 de março de 1927 no quarto n.° 9 do Hospital da Santa Casa de Misericórdia à rua 10 de Julho. Cinco dias depois de seu nascimento seus pais Severino Galdino de Andrade e Jovina Couto de Andrade levaram-no para o rio Solimões, município de Mancapuru no beiradão do rio Solimões. Ali Moacir Andrade cresceu entre os índios Ticuna aculturados, ouvindo suas histórias, seus mitos, suas verdades absurdas, bebendo chibé de farinha-d'água, pescando mandiis no lago próximo e estudando com sua mãe Jovina Couto de Andrade, professora. Bem cedo aprendeu a subir com velocidade os finos e compridos pés de açaí, para tirar seus frutos e com eles fabricar o seu vinho do qual se alimentava. Moacir Andrade já nasceu desenhando em pequenos pedaços de papel que seu pai trazia de Manaus quando ia vender o produto do seu trabalho.

Há hoje uma tendência a abandonar a ideia do profissionalismo na arte. A action painting é uma técnica que pode ser praticada apenas com distinção de grau. Um número de artistas maior do que antes são autodidatas e apresentam seu amadorismo como uma virtude. A espontaneidade é uma virtude positiva e não quero desmoralizar um movimento que isolou e ressaltou essa virtude. Quero apenas afirmar que Moacir Andrade é, em

todos os sentidos da palavra, um artista profissional – filho de artista profissional familiarizado desde sua infância com um ambiente profissional. Moacir Andrade já nasceu com o pincel na mão. A distinção que fazia mais claramente é a de que um artista profissional não é necessariamente um artista acadêmico, como é o caso de Moacir Andrade. As escolas de arte são instituições peculiares à era moderna: antes do século 18 os artistas aprendiam sua técnica numa oficina. Foi assim que Moacir Andrade se tornou pintor, aprendeu na infância, nos beiradões isolados dos rios amazônicos esse modo de expressão tão natural como a fala.

Como a fala, esse modo de expressão é disciplinado – tem sua sintaxe, sua fala e sua gramática. Tem também qualidades mais pessoais – tom, acento, inflexão. Um artista bem-sucedido como é o caso de Moacir Andrade pode dar tom, volume e expressividade perfeitos aos elementos de uma linguagem. Em suma, ele realiza, constrói, faz estilo, que é menos o próprio homem do que uma sintaxe ou ordem que o artista dá à sua visão. É uma curiosidade da crítica o fato de que tenhamos sempre a tendência a julgar um escritor ou um artista plástico pelo seu estilo, mas na crítica da pintura moderna o conceito tende a desaparecer. É certo que falamos interminavelmente de forma e composição até mesmo de plasticidade mas nunca da fusão de todos esses elementos concretos e analisáveis numa apreensão da essência íntima das coisas, essência expressa numa linguagem visual que é apenas um refinamento dos meios simbólicos que todos usamos quando desejamos transferir um significado para signos visíveis. A peculiaridade do movimento artístico de que Moacir Andrade se tornou um mestre singular tão requintado é indicado pela frase que acabei de usar – um refinamento dos meios simbólicos que constituem uma linguagem visual. Durante séculos na Europa esse refinamento subordinou-se às exigências do literalismo mimético do ilusionismo (o paralelo

na literatura seria um uso onomatopeico das palavras que subordinassem o significado à reprodução dos sons.

Não é este o lugar para mais uma incursão pela história da arte com o único propósito de justificar desvios do realismo ou naturalismo, a autonomia da arte como atividade formativa é hoje universalmente reconhecida. O que não é fácil de estabelecer é a autonomia do artista. Falamos do estilo gótico, do estilo da Escola clássica querendo dizer com esse uso da palavra os elementos que vários artistas tem em comum; mas também podemos ter a tendência que é cada vez mais acentuada de nos referirmos aos elementos peculiares a um artista, a isolá-lo e torná-lo excêntrico. O desejo e a busca do particular têm sido a preocupação do movimento moderno em arte – contra o qual, acredito, certos artistas reagiram consciente ou inconscientemente. A tendência contrária conhecida desde Platão usou pela primeira vez a frase para definir a natureza do amor como o desejo e a busca do todo, também poderia ser expressa como o desejo e a busca da essência íntima das coisas. A totalidade e integridade, pureza, concordância, qualidades abstratas que não obstante só devem ser expressas na configuração e textura das formas visíveis. Expresso uma palavra difícil, significado exprimido para fora, como se se tratasse do processo de ordenar, quando o que está em causa é uma construção harmoniosa, um objeto de exatidão matemática, um instrumento inconcebivelmente delicado que corresponde as mais profundas bases do conhecimento. Essa correspondência só é possível a uma sensibilidade treinada na aplicação e no julgamento exatos. Não houve muitas ocasiões na história da arte em que um estilo assim tão requintado tenha sido possível. Foi possível no período neolítico, onde se produziam ferramentas e armas rituais de jade e outras pedras preciosas que representam o primeiro reconhecimento intuitivo da beleza da forma pelo homem de então. Foi possível na arquitetura e na cerâmica grega – tive sempre a impressão de ha-

ver uma correspondência entre as pinturas de Moacir Andrade e os vasos de argila branca do século 5 a.C. Foi possível em certos mosaicos bizantinos e relicários e mármores góticos; e ainda no Renascimento, na escultura de Jacopo Bella Quércia e na pintura de Pierre della Francesca. Moacir Andrade jamais deixou-se envolver pelos encantos, pela excelente e simples beleza humana, arquitetônica e artística dos países europeus por onde tem andado e pesquisado. Ele está preso e acorrentado pelas correntes invisíveis do sentimento, da paixão, pelo extremado amor à Amazônia – a sua terra, porém ele estuda e inquire dela sob todos os seus aspectos, a sua história, a sua geopátria, as suas letras, os seus homens ilustres, a sua vida espiritual, a sua crônica, a sua paisagem botânica, humana e espiritual. O pintor Moacir Andrade é visceralmente um bem regionalista globalizado no sentido universal do acitismo. Em suas obras abundam a graça, justa medida estética, um pouco de espiritualidade que nele ferve o que chamava de profundo amor.

Ninguém melhor definiu a personalidade de Moacir Andrade como o seu amigo conterrâneo e contemporâneo poeta Thiago de Mello quando disse: "Antes do mais, quero distinguir, comovido, neste momento em que celebramos, de mãos dadas, a ele, os quarenta e cinco anos de permanente atividade criadora de Moacir Andrade, a inquebrantável coerência com a sua vocação artística, nele permanentemente vinculada ao compromisso com a vida do homem do nosso Amazonas. O primeiro e principal compromisso de um artista é com a própria arte. Mas Moacir Andrade tratou sempre de colocar o seu talento a serviço da descoberta, interpretação transfigurada e cântico colorido da mágica realidade da nossa floresta e do homem seu habitante. No trabalho criador de Moacir Andrade não há contradição entre o artista e o homem. Afinal é o próprio ato de existir que permite e ampara a criação artística. Para Moacir que reúne em sua alma

as melhores virtudes do caboclo, há uma constante inquietação, o seu fascínio, seu deslumbramento, é o Amazonas: raiz, seiva e sortilégio de sua vida e de sua arte.

Tão poderoso é esse fascínio, que a sua realização criadora não se limita à pintura, que o fez famoso e respeitado dentro e fora de sua pátria. Além da cor, da forma, da linha e da luz, Moacir Andrade se vale também da palavra, como matéria-prima de expressão artística (ele é autor de vários livros de matéria antropológica, hoje indispensável ao conhecimento da vida e da alma que habita e convive com a floresta e a água) – para a divulgação e valorização da riqueza da cultura amazônica. Para onde Moacir anda, pelos tantos países onde promovem exposições de pintura, o Amazonas vai com ele na sua figura de criança grandona, na sua sabedoria, no encantamento dos seus quadros. O coração de Moacir não é vermelho. No seu sangue lateja a força torrencial das nossas águas barrentas e a das antemanhãs de esmeraldas dos grandes lagos, ardem as cores do entardecer rubro do rio Negro, palpita o silêncio esplendor das nuvens alvíssimas e imóveis, esculturas barrocas soltas na vstidão do azul. Pelas suas veias percorrem os brilhos de cobre e safira das águas do caudaloso rio e a vibração ardente dos barrancos e dos telhados de palha ao sol do meio-dia. O coração de Moacir Andrade é sobretudo verde. Porque é banhado por todos os verdes, os verdes de todas as cores, que os seus olhos de grande artista ver a floresta que ele ama, porque é ela que lhe guia a mão abençoada de pintor".

Moacir Andrade não está em busca de êxtase espiritual de nenhuma forma de ascese e sim à procura daquilo que fragilmente se equilibre no gume das paixões de sua alma de artista inconformado, de um esteta que ainda não encontrou o cerne de sua procura de suas investigações. Não há e nem haverá em nenhuma de suas obras magistrais o mesmo indício de uma desejada ou reconfortante pacificação. Longe disso, tudo nele nos

remete sempre à turbulência agônica de desejos que se realizam ou se frustram, de tramas que se bifurcam e deságuam no estuário do vazio, de dédalos que caracoteiam e não levam a lugar algum, como se aí o ser, despido de todas as suas categorias, fosse continuamente confrontado consigo próprio e por si próprio tragado. O inconformismo de Moacir Andrade se revela em cada quadro que pinta, em cada detalhe que insere nos recantos escolhidos de sua obra. Moacir é um mentalizador, um monge enclausurado num templo abstrato em cuja nave ele se abastece de todo o material que emprega em seus trabalhos.

Moacir Andrade acobertado pelos espíritos sábios da floresta amazônica divide o seu tempo precioso em diversos campos: a pintura que ocupa o seu maior espaço, a poesia, a ficção, a crítica literária, a museologia, a musicologia e o folclore. A sua obra como pesquisador é grandiosa e abrangente com grande repercussão em nossa metodologia sobre o assunto, alargando, consideravelmente, ao mesmo tempo o conhecimento do nosso populário. Como musicólogo escreveu um livro sobre as histórias do carnaval de Manaus e numerosos ensaios em que analisa correntes de nossa música popular e culta. Aborda também temas da música universal. A sua principal ocupação entretanto é a pintura na qual concentra toda a sua energia vital. Profundo conhecedor da língua portuguesa, como poeta Moacir Andrade constrói uma poesia de inquietação filosófica, de quem se debruça sobre o enigma do Universo para indagar o sentido de sua própria vida. E mercê da generalização filosofante, o egocentrismo proclamado no título mesmo de seu livro, acaba por se converter numa sofrida adesão à dor de todos os seres – o que o eleva aos píncaros da sabedoria. Resta pôr em destaque o emprego eficaz que, malgrado certo verbalismo pedante, Moacir Andrade alcança fazer o vocabulário científico sublinhado a cada passo por hábeis recursos formais: variedade rítmica, rimas inusita-

das, alterações e assonâncias, enumerações, uso sistemático de esdrúxulos e termos raros, adjetivação inventiva. O poeta Moacir Andrade se vale da linguagem da ciência, não para inculcar didaticamente noções abstratas mas para exprimir uma estranha subjetividade. E fá-lo de modo criativo, em imprevistas justaposições de conceitos que o tornam um expressionista avant la lettre e justificam o interesse atual pela sua obra genial. Como pintor Moacir Andrade manifesta uma personalidade artística cujas notas dominantes são a ficção e a memória, a introspecção e o sentimento da caducidade da vida humana. Temos assim primeiramente o evocador discreto de ambientes, cenas de tipo da vida urbana em uma cidade como Manaus, isolada de quase todo o Brasil, a um tempo provinciana e moderna. Essa camada do real social explica a atmosfera e a mentalidade dos tipos humanos que comparecem de corpo inteiro em seus quadros e em suas obras literárias. Moacir Andrade é porém mais do que um anotador, um observador arguto ou mesmo um criador de atmosferas. Ele é um ficcionista analítico introspectivo que não só contempla mas contempla-se. O tom reflexivo sentimental, oscilando entre a melancolia das cores e o humor, levou a crítica a colocá-lo no mais alto do podium artístico nacional, aproximação favorecida também pela compostura de linguagem que a análise mais direta de nossa vida artística haveria de suscitar um espírito observador e desenganado.

Moacir Andrade, as suas virtualidades artísticas recebendo do realismo amazônico interior toda a influência que lhe corresponde às tendências de espírito resumíveis ao gesto de análise psicológica, pôs-se à margem da ortodoxia asfixiante e criou, nesse período, a obra original e pessoal que lhe perpetua o nome. Pôs-se acima das estéticas, tornou-se por si só uma ilha estética e procurou a compreensão do homem como essência e não como simples vivente. Hoje, beirando os setenta anos, Moacir

Andrade, coberto com os louros da celebridade, se constituiu um monumento de trabalho, realização e dignidade para o povo brasileiro.

Walmir Ayala
Rio de Janeiro – 1986

BIOGRAFIA

Walmir Ayala nasceu no Rio de Janeiro onde fez os cursos primário e secundário. Dedicou-se ao jornalismo escrevendo para os principais jornais da cidade entre os quais o *Diário de Notícias*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Poeta de fina sensibilidade, Walmir Ayala escreveu vários livros não somente de poesias mas também de prosa. Pintor, desenhista e ilustrador, Walmir Ayala fornou-se um dos mais admirados e respeitados críticos de arte do Brasil.